

Docentes da Universidade Estadual do Paraná-Unespar e internacionalização do ensino superior: da preparação aos resultados

Couto, Raphael Viana ¹

Bovo, Marcos Clair ²

RESUMO

A experiência da internacionalização do ensino superior vivida por meio da mobilidade acadêmica contribui para o conhecimento de diversidade de culturas e com a formação profissional-científica e humana dos acadêmicos. O artigo objetiva registrar e analisar sistematicamente os relatos dos docentes da Unespar que vivenciaram a experiência de internacionalização do ensino superior, destacando o retorno à instituição, o desenvolvimento intelectual, profissional e pessoal. A metodologia teve por base a pesquisa bibliográfica, entrevistas e aplicação de questionários a docentes de todos os campi da universidade que tenham tido a experiência de mobilidade acadêmica internacional a partir de 2013. Os resultados indicam que o processo de internacionalização contribuiu com os docentes por meio de ganho de capital intelectual e técnico em suas áreas de atuação, a formação de redes de contatos com outros professores e pesquisadores correlatos, a maior segurança que passaram a ter em sala de aula e na produção científica.

Palavras-chave: internacionalização; ensino superior; docente; Unespar.

Professors from the State University of Paraná (Unespar) and the internationalization of higher education: from preparation to results

ABSTRACT

The internationalization of higher education experienced through academic mobility programs can contribute to the person's knowledge in cultural diversity and their professional, scientific and human formation. That said, this paper aims to systematically record and analyze the Unespar professors' reports on their internationalization of higher education experience, highlighting their return to the institution as well as their intellectual, professional and personal development. The study was based on bibliographical research, interviews and a questionnaire that was applied to professors from all university campuses that

¹ Universidade Estadual do Paraná. Mestre em Sociedade e Desenvolvimento pela Universidade Estadual do Paraná (Unespar). Email: adv_couto@hotmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9425945692642900>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8685-3271>.

² Universidade Estadual do Paraná. Professor e Coordenador do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Sociedade e Desenvolvimento da Universidade Estadual do Paraná (Unespar). Email: mcbovo69@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8553647366079597>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3582-6702>.

had experienced international academic mobility from 2013 on. The results suggest that going through this internationalization process helped them develop intellectual capital when it comes to their area of expertise, as well as expand their network with other professors and researchers, and develop confidence regarding the classroom and the scientific production.

Keywords: internationalization; higher education; professors; Unespar.

Docentes de la Universidad Estadual De Paraná - Unespar e internacionalización de la enseñanza superior: de la preparación a los resultados

RESUMEN

La experiencia de la internacionalización de la enseñanza superior vivida por medio de la movilidad académica contribuye para el conocimiento de la diversidad de culturas y con la formación profesional-científica y humana de los académicos. El artículo tiene como objetivo registrar y analizar sistemáticamente los relatos de los docentes de la Unespar que vivieron la experiencia de internacionalización de la enseñanza superior, destacando el retorno a la institución, el desarrollo intelectual, profesional y personal. La metodología tuvo como base la investigación bibliográfica, entrevistas y aplicación de cuestionarios a docentes de todos los campus de la universidad que hayan tenido la experiencia de movilidad académica internacional a partir de 2013. Los resultados indican que el proceso de internacionalización contribuyó con los docentes por medio de la obtención de capital intelectual y técnico en sus áreas de actuación, la formación de redes de contactos con otros profesores e investigadores correlatos, la mayor seguridad que pasaron a tener en el aula y en la producción científica.

Palabras clave: internacionalización; enseñanza superior; docente; Unespar.

INTRODUÇÃO

Este artigo é originário da dissertação de mestrado intitulada “A influência da internacionalização na formação profissional de humana de docentes da Universidade Estadual do Paraná”. Para tanto, objetiva registrar e analisar sistematicamente os relatos dos docentes da Unespar que vivenciaram a experiência de internacionalização do ensino superior, destacando o retorno à instituição, o desenvolvimento intelectual, profissional e pessoal dos mesmos.

Assim sendo, para melhor delinear as vivências e experiências dos professores da universidade que passaram por processos de mobilidade acadêmica internacional e retornaram ao trabalho na Unespar, estruturamos o artigo em dois momentos distintos, além desta introdução e das considerações finais, sendo que na primeira parte, tecemos algumas considerações iniciais entorno da internacionalização do ensino, seguido das análises dos resultados.

No que tange às análises dos resultados, subdividimos em dois momentos distintos, a saber: sendo o primeiro denominado “O perfil dos(as) docentes ‘internacionalizados’ da Unespar”, o segundo “A internacionalização sob múltiplos olhares: experiências e vivências dos(as) docentes da Unespar”. Para este último momento, serão evidenciados as motivações e experiências dos estudos no exterior, as experiências e vivências da internacionalização abrangendo a instituição, os docentes e, por fim, apresentamos as diferentes impressões dos docentes quanto aos aspectos profissional, pessoal e institucional.

O aporte metodológico da pesquisa foi constituído na primeira etapa de pesquisa bibliográfica relacionada à temática em artigos de periódicos científicos, livros, teses de doutorado, dissertações e documentos oficiais.

Já na segunda etapa de caráter quali-quantitativo foi aplicado um questionário e entrevista com 13 docentes que foram estudar no exterior sendo estes da graduação e da pós-graduação da Universidade Estadual do Paraná – Unespar dos campi de Apucarana, Campo Mourão, Curitiba I, Curitiba II, Paranaguá, Paranavaí e União da Vitória. O nosso recorte temporal foi a partir de 2013, ano de criação da universidade.

A aplicação de questionário aos professores selecionados teve por finalidade formar um quadro geral da internacionalização na instituição, contendo dados sobre dificuldades no processo, financiamento, país e universidade onde o docente estudou e outras questões; no exterior, percepção de mudanças após estudos (pessoal e profissional), entre outras perguntas que levaram a coleta de informações capazes de demonstrar qual relevância do feito e seus efetivos reflexos, bem como a natureza e o alcance dos mesmos na comunidade acadêmica da Unespar.

Já as entrevistas foram realizadas no segundo semestre de 2021, gravadas por áudio e vídeo, mediante autorização prévia por escrito e preenchimento antecipado do questionário pelo docente convidado, quando era

passado um resumo de como seria o roteiro de entrevista³. Assim, obtivemos relato sistemático destas experiências de internacionalização e transcrição das entrevistas preservando o sigilo das fontes por meio da inserção de nomes fictícios.

A internacionalização do ensino superior: alguns apontamentos conceituais

Este tópico objetiva fazer uma breve reflexão a respeito do conceito de internacionalização do ensino superior, levando em consideração reflexões de diferentes teóricos que estudam a temática tanto em nível nacional como internacional.

Segundo Sebastian (2004, p. 34), a internacionalização é “um processo social manifestado nas universidades, afetando suas atitudes, valores e percepções, dando lugar a uma visão de mundo e compreensão da realidade mais ampla”. Assim sendo, para o autor o processo de internacionalização visa “fortalecer as instituições, incorporando padrões internacionais de conteúdo e ensino e organização temática de métodos de pesquisa, bem como atividades de divulgação”. Diante disso, Sebastian (2004) refere-se à organização e expansão da “capacidade de oferta de produtos desenvolvidos por professores e pesquisas em grupos acadêmicos internacionais, melhorando a visibilidade e o reconhecimento da instituição, bem como a obtenção de retornos financeiros”.

Seguindo esta linha de raciocínio, as ideias que Knight (2004), De Wit e Hunter (2015) destacam que é relevante, entender a internacionalização do ensino superior, a partir de três aspectos: a) os conceitos; b) as razões; c) as estratégias. No que tange aos conceitos, estes estão relacionados a diferentes perspectivas e significados da internacionalização. Quanto às razões, devemos levar em consideração os seguintes motivos: político, econômico, sociocultural e acadêmico e o último motivo a ser considerado é o conjunto de estratégias que instrumentalizou a política de internacionalização das IES. Para tanto, as instituições de ensino superior devem ter clareza quanto ao processo de internacionalização tendo por base os conceitos, as razões e estratégias a serem seguidas, levando-se em consideração as características tanto na esfera nacional quanto internacional e institucional na perspectiva da política educacional.

³ Informamos que a pesquisa teve aprovação do Comitê de Ética da Unespar CAAE: 50084421.2.0000.9247.

Assim sendo, Knight (2003) pontua que a internacionalização das instituições de Ensino Superior deve integrar a dimensão internacional/intercultural ao ensino, pesquisa e aos serviços de uma determinada instituição. Nessa perspectiva, entendemos a internacionalização por meio de um processo dinâmico e não como algo isolado das instituições, tendo em vista que a dimensão internacional da IES deve ir além das funções essenciais ensino, pesquisa e extensão.

Já Stallivieri (2008, p. 5) corrobora Knight (2003) ao dizer que o processo de internacionalização consiste em:

[...] mudanças organizacionais, de inovação curricular, de desenvolvimento profissional do corpo acadêmico e da equipe administrativa, de desenvolvimento da mobilidade acadêmica com a finalidade de buscar a excelência na docência, na pesquisa e em outras atividades que são parte da função das universidades (Stallivieri, 2008, p. 5).

Diante disso, Stallivieri (2008) reformula o conceito de internacionalização e acrescenta que o fortalecimento institucional é necessário por meio da incorporação de padrões internacionais de conteúdos e métodos docentes, temáticas e organização das investigações por meio da pesquisa e das atividades de extensão, aumentar a capacidade e a oferta de produtos docentes e de pesquisa em escala internacional e também melhorar a visibilidade, o reconhecimento e a obtenção de recursos financeiros (Stallivieri, 2009). A autora enfatiza em suas pesquisas que o processo de internacionalização não está associado somente à organização de atividades internacionais, como por exemplo, seminários, congressos e programas de intercâmbios entre estudantes internacionais, mas sim, à própria organização da IES no ensino que precisa de políticas de internacionalização institucional.

Assim sendo, Stallivieri (2016, p. 17) evidencia que a internacionalização deve ser compreendida a partir das instâncias políticas e de “decisões estratégicas dos conselhos superiores”. Para tanto, ela deixa de ser “uma opção e se transforma em uma meta a ser alcançada”.

Já para Laus (2012), o conceito de internacionalização do ensino superior agrega outros elementos, por exemplo:

[...] a internacionalização de uma universidade corresponde ao processo de diálogo (trabalhos conjuntos, cooperação, intercâmbio, adequação das estruturas institucionais, conflitos e problemas surgidos) com outras universidades ou organizações variadas (empresas, governos, agências internacionais, ONGs)

do mundo exterior à fronteira nacional na concepção, desenvolvimento ou implementação de suas funções de ensino, pesquisa e extensão (Laus, 2012, p. 28).

É nessa direção, que esses pesquisadores que apresentamos trazem as conceituações e características relacionadas à internacionalização do ensino superior, contribuindo para o aprofundamento teórico, objetivando a visibilidade e o fortalecimento da temática em escala mundial por meio da educação. Dessa forma, a internacionalização deve fazer parte integrante do projeto institucional que envolve todas as áreas de conhecimentos da instituição, pois somente assim integra a dimensão internacional às atividades universitárias, ou seja, deve fazer parte integrante do projeto universitário, sendo que este é prioridade política e integrante da missão da IES, contribuindo, sobremaneira, com a melhoria da qualidade do ensino, pesquisa e extensão, promovendo a IES no contexto mundial da educação.

Por fim, apresentamos como a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Capes (2017, s.p.) entende a internacionalização, ou seja, para a Capes é o

[...] processo amplo e dinâmico envolvendo ensino, pesquisa e prestação de serviços para a sociedade, além de construir um recurso para tornar a educação superior responsiva aos requisitos e desafios de uma sociedade globalizada;

É nesse sentido que a internacionalização deve ser considerada como:

o estágio mais elevado das relações internacionais entre as universidades. Conceitualmente, podemos dividi-la em dois tipos: a passiva, onde ocorre a mobilidade de docentes e discentes para o exterior; e a ativa, onde o fluxo é inverso (Capes, 2017, p. 6).

Para um melhor aprofundamento, sugerimos ao leitor ler a dissertação *A influência da internacionalização na formação profissional e humana de docentes da Universidade Estadual do Paraná - Unespar*, desenvolvida pelo Programa de Pós-Graduação Sociedade e Desenvolvimento, pois não conseguimos estender a nossa reflexão teórica dado que o número limitado de páginas estipulado pelo periódico. Neste sentido, buscamos priorizar os resultados da pesquisa, conforme evidenciamos no próximo tópico.



Análises dos resultados

O perfil dos(as) docentes “internacionalizados” da Unespar

Este tópico objetiva tecer considerações a respeito do perfil dos docentes entrevistados da Unespar tendo por base o questionário respondido no início da pesquisa. Assim sendo, esse questionário apresenta uma síntese relacionada a vários aspectos que envolvem o processo de internacionalização do ensino superior, dentre eles, buscamos conhecer um pouco sobre a experiência do docente, o país e a instituição para onde foi, o idioma mais utilizado, pontos positivos, principais dificuldades, saber como as despesas foram custeadas, dentre outras informações e, por fim, se o docente recomendaria a internacionalização para outros docentes.

No quadro 1, apresentamos os dados dos docentes acerca do campus em que estão lotados, do tipo de qualificação que foram realizar no exterior, bem como em qual país e instituição.

Quadro 1: Perfil dos (as) docentes entrevistados relacionados à internacionalização

Campus	Doutorado	Pós-doutorado	Instituição receptora	País
Apucarana	X		Universidade de Aveiro	Portugal
Campo Mourão		X	Universidade de Coimbra	Portugal
Campo Mourão	X		Universidade Politécnica de Turim	Itália
Campo Mourão		X	Universidade d’Auvergne	França
Curitiba I		X	Universidade do Minho	Portugal
Curitiba II	X		University of Southern California	Estados Unidos
Curitiba II	X		Universidade Aberta de Lisboa	Portugal
Paranaguá	X		Universidade Nova de Lisboa	Portugal
Paranaguá		X	Université d’Orléans	França
Paranaguá	X		University of Texas at Arlington	Estados Unidos
Paranavaí	X		Universidade de Lisboa	Portugal
União da Vitória	X		Universidade Autônoma de Barcelona	Espanha
União da Vitória	X		Monash University	Austrália

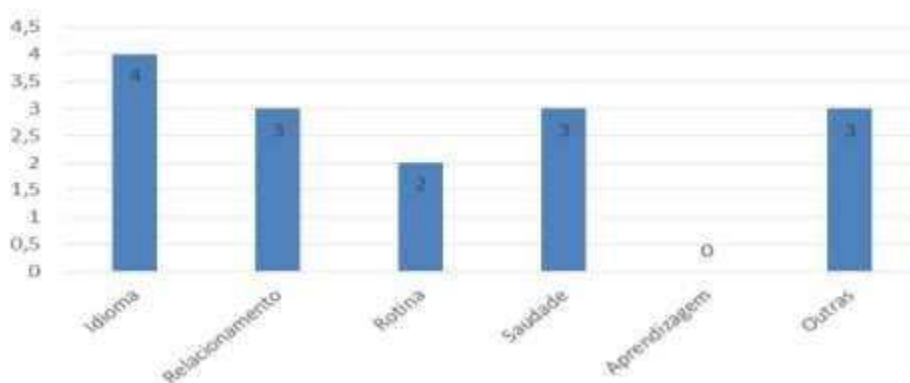
Fonte: Pesquisa realizada pelo autor em 2021.

É relevante destacar que não foi possível conseguirmos uma divisão igualitária de docentes por campus. Primeiro devido à base inicial de dados não contemplar essa quantidade, e segundo, em razão de que as indicações recebidas também não foram uniformes. Conforme conseguíamos contato e o aceite de um docente, pedíamos para que nos indicasse algum colega nas mesmas condições. Assim, conseguimos treze entrevistados, sendo possível atingir todos os campi da Unespar, bem como tivemos uma boa diversidade de universidades, países e idiomas.

Por último, vale salientar que nenhum entrevistado foi ao exterior em estudos de mestrado, apenas foram assinaladas as opções, pós-doutorado e doutorado, sendo este último a maioria. Bem como é importante destacar que todos os docentes que preencheram o formulário enviado, afirmaram que o principal idioma utilizado durante o período da mobilidade foi o idioma local do país em que se encontrava.

Diante disso, os docentes indicaram as dificuldades que vivenciaram durante o processo de internacionalização. Dentre as alternativas propostas no questionário, tínhamos o idioma, relacionamento, rotina, saudade, aprendizagem, entre outras, pois essas alternativas mencionadas foram as principais apuradas em pesquisa semelhante (Stallivieri, 2017). É importante pontuar que poderiam assinalar mais de uma alternativa, vejamos os resultados no gráfico 1.

Gráfico 1: Principais dificuldades encontradas pelos (as) docentes que vivenciaram o processo de internacionalização



Fonte: Pesquisa realizada pelo autor.

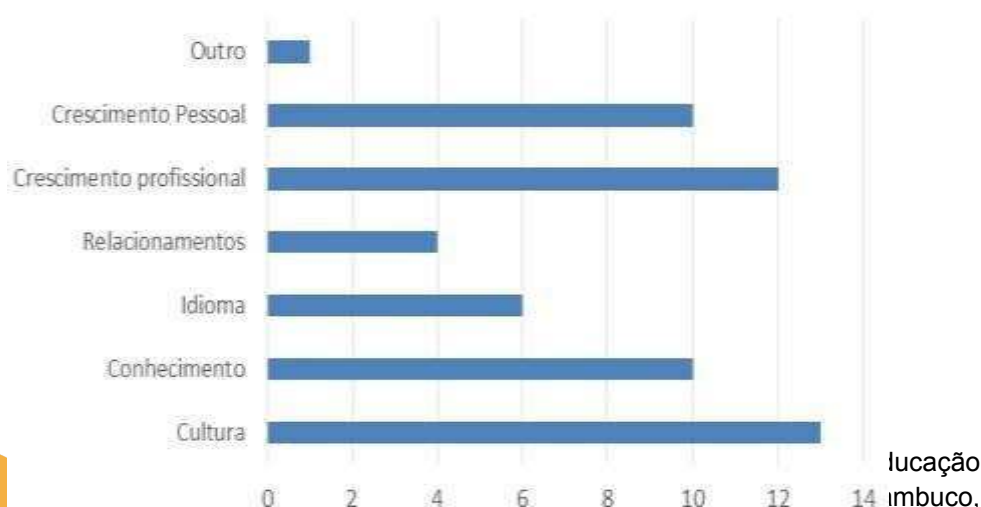
Desponta como maior dificuldade vivenciada durante o processo de internacionalização experimentado pelos docentes questionados, o idioma, seguido do relacionamento e a saudade. Também a rotina foi apontada como uma das maiores dificuldades e, ao final, outros três itens foram especificados: solidão, burocracia e nenhuma dificuldade.

Conforme Stallivieri (2017), a linguagem se destaca entre as dificuldades encontradas pelos estudantes que vivenciam o processo de internacionalização, no caso desta pesquisa, os docentes internacionalizados da Unespar e possivelmente essa dificuldade está relacionada ao domínio do idioma do país de destino e, conseqüentemente, possa ter influenciado na qualidade dos relacionamentos, contribuindo, assim, para uma sensação de saudade daqueles que ficaram no Brasil. Para Stallivieri (2017):

É fundamental que, ao escolher uma atividade a ser desenvolvida no exterior, o indivíduo tenha clareza de que a eficácia de sua comunicação e de sua interação com as outras pessoas estão proporcionalmente relacionadas ao grau de conhecimento da língua do país para o qual se dirige (Stallivieri, 2017, p. 253).

Dando continuidade à análise das respostas obtidas a partir da aplicação do questionário, buscamos averiguar entre os docentes selecionados os aspectos que marcaram positivamente o processo de internacionalização pelo qual passaram, como: a cultura do local, conhecimento adquirido, ganho de idioma, relacionamentos construídos, percepção de crescimento profissional e outro, o(s) qual(ais) deveria(m) ser especificado(s), tendo em vista que os docentes poderiam assinalar mais de uma alternativa nessa questão, conforme gráfico 2.

Gráfico 2: Aspectos que marcaram positivamente o processo de internacionalização



Fonte: Pesquisa realizada pelo autor

O primeiro ponto a se considerar é que os docentes questionados tenderam a marcar apenas uma opção relacionada às dificuldades encontradas na internacionalização, conforme gráfico 2. Porém, quando se tratou dos pontos positivos, vários marcaram mais de uma opção, considerando os itens assinalados como igualmente relevantes no processo.

O aspecto cultural de maneira ampla, como a convivência com outras culturas, interação cultural e riqueza cultural assemelhada à intelectual, foi o mais apontado pelos docentes que responderam o questionário como principal ponto positivo da internacionalização. Esse apontamento confirma o que já fora obtido anteriormente junto a estudantes que vivenciaram a mobilidade acadêmica internacional, de forma que em pesquisa de Stallivieri (2017):

[...] a ênfase maior foi dada à expressiva melhora apontada pelos estudantes em seu desempenho linguístico e cultural, respectivamente com 88% para o desempenho intercultural e 81% para o desempenho linguístico (Stallivieri, 2017, p.261).

Em segundo lugar, como principal ponto positivo da internacionalização percebida pelos docentes, ficou o crescimento profissional. O que certamente se apresenta pela maturidade dos questionados e de sua condição de professores da universidade, na sua maioria licenciados para realizar a mobilidade e depois retornar às suas atividades docentes.

Na sequência, muito próximos, temos quase empatados, o crescimento pessoal e o conhecimento como itens positivos percebidos pelos docentes em decorrência da internacionalização. Esses apontamentos revelam os aspectos diversos do desenvolvimento gerado pela mobilidade acadêmica internacional, indo do profissional ao pessoal, intelectual e cultural. É uma atividade de complexidade positiva, capaz de significar progressos expressivos de maneira holística no indivíduo envolvido e em todos a sua volta.

Quanto à fonte dos recursos utilizados para custear a viagem, estadia, alimentação e manutenção, de modo geral no país em que os estudos foram realizados, os docentes entrevistados tinham quatro opções para assinalar,

ambas referentes à origem dos recursos: se foram próprios, públicos, mistos ou oriundos de bolsa privada.

Dentre os entrevistados, metade afirmou ter utilizado recursos próprios, e a outra metade utilizou de recursos públicos para arcar com os custos exigidos para realizar a internacionalização. Ocorre que, de certa maneira, como todos estavam exercendo função pública na época em que foram estudar no exterior e receberam bolsa pública ou se licenciaram com remuneração integral, poder-se-ia dizer que, mesmo que indiretamente houve uma integralidade do uso de recursos de origem pública nos processos de internacionalização investigados. Isso mostra a relevância das políticas públicas para financiar o investimento que é necessário para passar períodos mais longos no exterior somente estudando.

Por fim, os docentes foram questionados se recomendariam a experiência pela qual tinham passado de realizar estudos de pós-graduação no exterior para seus colegas, para tanto deveriam atribuir nota zero para afirmar que não era recomendável de modo algum ou nota 10, caso quisessem afirmar que seria extremamente recomendável na opinião deles. Todos atribuíram nota 10 a esse quesito, recomendando a experiência em estudar em um país estrangeiro como algo positivo para a formação tanto intelectual quanto profissional.

No próximo tópico, apresentamos a internacionalização sob múltiplos olhares na qual destacamos as experiências e vivências dos (as) docentes da Universidade Estadual do Paraná.

A internacionalização sob múltiplos olhares: experiências e vivências dos(as) docentes da Unespar

Este tópico objetiva analisar as experiências e vivências dos docentes da Unespar, acerca do processo de mobilidade acadêmica internacional. Para tanto, foram feitas entrevistas em 2021, com os docentes pré-selecionados a partir de uma lista de potenciais candidatos que atendiam o critério da pesquisa de terem complementado seus estudos de mestrado ou doutorado no exterior. Essa lista foi fornecida pelo Escritório de Relações Internacionais – ERI a partir de um contato realizado pelo orientador com a diretora do órgão.

Assim sendo, visando atender os preceitos éticos conforme aprovação do Comitê de Ética da Unespar CAAE: 50084421.2.0000.9247 para citar os trechos da transcrição integral das entrevistas, criamos nomes fictícios para os docentes a fim de preservar sua identidade. Diante disso, iniciamos este tópico

tecendo considerações a respeito da preparação para a internacionalização, ou seja, como se deram os acontecimentos que antecederam a experiência de mobilidade?

Em relação às perguntas relacionadas à preparação para o período de estudos no exterior, como por exemplo, “Como teve acesso à mobilidade?” e “Houve preparação? Como foi?” Os entrevistados se manifestaram da seguinte maneira, especialmente, no que se refere ao início de tudo, ou seja, os primeiros passos para a mobilidade acadêmica internacional. Vejamos o que diz a professora Paula:

Ah, eu fui por conta própria. Comecei a escrever cartas em francês, antes mesmo de conversar qualquer coisa na universidade, comecei a sondar com os professores, comecei a enviar para alguns professores, tive algumas respostas negativas, outras até com uma proposta de desenvolver mais e teve alguns professores que tivemos uma afinidade maior. Depois desse primeiro contato que comecei a ver oficialmente dentro da instituição, mas foi por conta própria mesmo (Paula, 2021).

Já para a professora Evelyn, o processo de mobilidade acadêmica foi bem diferentes da professora Paula, vejamos o ela diz:

Eu entrei no doutorado na federal em 2014 e no final do ano eu entrei com pedido direto na CAPES, documentação enviada toda diretamente, e a única coisa era que eu precisava de um formulário da minha instituição para ter anuência desse meu pedido. Foi muito simples essa parte burocrática e eu nem esperava, a gente cria uma imagem meio assustadora, mas foi tudo muito fácil. Quando veio pedido eu já tinha me adiantado, entrado em contato com a professora de lá, ela já tinha aceitado, então foi tudo muito fácil (Evelyn, 2021).

Por fim, o professor Marcos pontua que:

[...] já tinha alguns colegas que tinham saído para fazer o sanduíche e eu achava uma oportunidade interessante por conhecer outros professores que ajudariam na tese e também para conhecer outra cultura e tudo mais. [...] Fui eu que fui atrás de tudo, sabia da existência do doutorado, era uma vontade minha e da minha esposa, mandei um e-mail para professora de lá, que tinha alinhamento no que eu queria e a gente fez um processo (Marcos, 2021).

A partir dos depoimentos, ficaram evidente que as iniciativas e os preparos iniciais para que a mobilidade aconteça são todos realizados em primeiro lugar pelos docentes, que tomam as atitudes necessárias para buscar primeiro um programa de pós-graduação que lhes interessa, fazem contato com algum docente da universidade estrangeira objetivando conseguir um orientador para a pesquisa, posteriormente dando andamento nas demais exigências legais, institucionais e práticas para viabilizar o processo de internacionalização.

Outro aspecto que merece destaque é a engenharia organizacional promovida pelos próprios docentes para poderem realizar o processo de mobilidade internacional sem comprometer tanto suas atividades na universidade. Nesse aspecto, os colegiados de cada curso desempenharam papel fundamental, demonstrando haver um grande caráter de coleguismo entre os docentes. Destacamos também a liberdade com que a Unespar empoderou, tanto colegiados quanto docentes, para a solução criativa de problemas relacionados à ausência prolongada de um professor(a), de modo que ficaram demonstrado que vários colegas acabavam por substituir o docente distribuindo entre si suas atividades.

Diante disso, professor Augusto pontua que:

[...] precisamos nos reorganizar no colegiado por causa das aulas, então fizemos uma preparação previa na questão das aulas, então organizamos o calendário para poder dar aula no horário de outro professor, então adiantei minhas aulas (Augusto, 2021).

Já a professora Ana pontua algo que é primordial para o processo de internacionalização, que é o planejamento, vejamos o que ela diz:

[...] eu fui ao consulado, com meses de antecedência, eu consegui rápido por ter o convite da universidade, não precisa comprovar nada e isso abre muitas portas, vai com aval da CAPES e da universidade (Ana, 2021).

Enquanto que a professora Marina pontua algo que consideramos relevante dentro de uma instituição de ensino superior, que é o apoio ao processo de aprimoramento profissional dos docentes por meio da capacitação. Para Marina:

Foi tudo certo, a Unespar sempre motivou e auxiliou na saída dos professores para estudar, sendo que a universidade sempre deu apoio e liberação. No colegiado também, os professores sempre foram parceiros de se ajudar e achar alguma alternativa para que o professor consiga sair (Marina, 2021).

Por fim, Sara pontua toda uma organização interna para o seu afastamento para estudar no exterior, envolvendo a gestão do campus e também o apoio de uma docente. Para Sara:

Então a decisão sobre meu afastamento foi toda no campus, eu tive apoio do colegiado, tive apoio da direção na época que entendeu a necessidade da saída. Embora, eu fiz um acordo onde assumi uma carga horária altíssima, fiz uma compensação, mas a troca foi mais ou menos de ficar com 20h semanais e quando eu saí ela (uma docente) também assumiu minha carga horária (Sara, 2021).

As soluções são criativas e diversas para driblar a falta de pessoal capaz de substituir o eventual docente que deixa suas atividades para realizar estudos no exterior. Nos recortes a seguir, estamos destacando os relatos dos docentes entrevistados acerca do idioma que precisariam dominar para terem um melhor aproveitamento nos estudos fora do país. Vejamos o que diz a professora Ana:

[...] eu fiquei um ano estudando italiano, chego à Itália falando e já tenho um apartamento meio acertado. [...] Quando chego lá, eu percebo o que só consigo a confiança do meu professor quando ele percebe que estou comprometida com a pesquisa e disciplinada (Ana, 2021).

Já para o professor Itamar há algo que tem dificultado o processo de internacionalização do ensino superior brasileiro, pois se refere ao domínio da língua estrangeira. É nesse sentido, que ele pontua:

[...] eu não dominava o inglês, aí lembro que na minha primeira reunião com meu orientador eu tinha certa dificuldade para compreender, eu fui apreendendo inglês com leitura e caindo no trecho mesmo. Então, assim, eu acho que o aprendizado e os benefícios foram tão grandes que não vejo dificuldade em estar lá, estudando o que gosta (Itamar, 2021).

Diferente do professor Itamar, a professora Marina (2021) fez toda uma preparação anterior para ir para uma universidade estrangeira. Para tanto, pondera: “[...] fiz curso de francês, gramática e oralidade. Então eu pude ter essa oportunidade de participar de várias reuniões, interagir com pessoal de lá e fazer duas publicações com meus professores.”

Já a professora Paula destaca que:

[...] eu sempre estudei francês, mas quando eu vi isso mais perto comecei a investir mais no curso de francês e na escrita acadêmica porque a gente não tem muito essa questão da escrita em cursos. Então eu comecei a ler e a escrever textos acadêmicos a comprar livros, mas tudo pedindo ajuda de professores. Como eu comecei a me corresponder de fato, as vezes eu tinha que escrever e-mail pra eles. Assim, é difícil a gente não sabe todos os aspectos, então eu tive que investir muito nessa parte de estudar (Paula, 2021).

Conforme podemos observar, a relevância do domínio do idioma do país por parte dos docentes foram considerados fundamentais para a sua inserção no âmbito acadêmico, sendo evidenciada de maneira significativa. É nessa direção que Stallivieri (2017) corrobora ao destacar em sua pesquisa que discentes de uma universidade obtiveram resultados semelhantes, encontrando ênfase no ganho do domínio da linguagem estrangeira após a mobilidade e em decorrência dela.

Assim sendo, destacamos que alguns entrevistados revelaram a limitação quanto a quais países poderiam ir estudar em decorrência da falta de domínio do idioma, notadamente do inglês e acabaram por buscar Portugal como destino em função desse problema.

Diante disso, quais foram as motivações dos docentes participantes da pesquisa relacionadas aos estudos no exterior? Quais experiências adquiridas com o processo de internacionalização? Para obter tais informações, formulamos uma pergunta aberta que era feita no começo das entrevistas: “Fale sobre sua experiência de estudar no exterior”. Algumas respostas foram bem complexas e longas, respondendo a diversas outras questões que seriam abordadas mais adiante.

Dentre os depoimentos, destacamos os seguintes que trataram da motivação para a internacionalização, vejamos o que destaca o professor Marcos (2021): “[...] já tinha alguns colegas que haviam saído para fazer o sanduíche e eu achava uma oportunidade interessante por conhecer outros

professores que ajudariam na tese e também para conhecer outra cultura e tudo mais [...]”.

Corroborando com o professor Marcos, o professor Bruno (2021) pontua que: “[...] uma questão principal foi o ponto de vista cultural, mais do que qualquer outra coisa [...]”.

Já para o professor Augusto:

[...] essa oportunidade surgiu conversando com meu orientador e ele perguntou se eu gostaria de ir para o exterior, obviamente falei que sim, ele tinha tido um contato, há um tempo, com um professor da Austrália que na nossa área é um dos melhores (Augusto, 2021).

A professora Sara evidencia durante a entrevista, a relevância da mobilidade acadêmica. Vejamos o que ela diz:

Eu acho que essa experiência fora, ela abre horizontes para você não copiar, mas para você se inspirar. [...] esse intercâmbio é imprescindível pra que renove algumas questões dentro da universidade, para que mostre para seus alunos que quando os professores saem e vão se qualificar eles mostram que é possível e necessário, um corpo docente que não sai não tem perspectiva, a universidade é sem fronteiras mais do que parece. Para a Unespar seria importante que mais pessoas tivessem feito isso, eu acho que não dá para fazer ciência sem conhecimento da realidade de outro país (Sara, 2021).

Assim, a professora Sara evidencia a relevância da qualificação dos docentes e a necessidade da Unespar em desenvolver políticas públicas voltadas ao processo de internacionalização do ensino superior tanto de docentes quanto de discentes de todos os campi.

Nessa linha da motivação ligada à interação e relevância da internacionalização para a universidade, o docente se vê como um agente de fomento desse processo e como parte de uma rede. Vejamos o que a Professora Ana (2021) afirma: “Eu acho muito importante essas capacidades de abrir as portas para outros professores, eu diria para ir para fora para construir pontes e abrir portas para outros professores.”

Dessa forma, podemos perceber que as motivações e as experiências dos docentes entrevistados referentes à internacionalização estão relacionadas ao aprimoramento profissional em suas áreas de conhecimento e de seus

currículos, contribuindo para a construção de redes de conhecimento entre docentes de outras instituições e de outros países.

Outro ponto a considerar refere-se à busca pela excelência acadêmica, mirando em trabalhar com docentes que se destacam mundialmente em seus campos de pesquisa, sem deixar de lado os aspectos pessoais como a admiração ou anseio de contato com outras culturas, notadamente do país escolhido para a realização dos estudos, bem como a afirmação de visões de mundo a partir do ponto de vista de docente da Universidade Estadual do Paraná.

Na sequência das análises dos resultados desta pesquisa, buscamos explorar os múltiplos olhares dos participantes da pesquisa no que tange aos aspectos relacionados à instituição, aos docentes e aos discentes. Para tanto, indagamos: “Como foi o período de estudo efetivo e seu relacionamento na instituição de destino?” Assim, buscamos entender o relacionamento institucional dos docentes enquanto alunos, registrando os destaques vividos por eles nessa condição, bem como suas impressões em relação à universidade estrangeira, seus docentes e funcionários, além do contato direto com os demais discentes.

Nesse sentido, obtemos valiosas respostas, dentre as quais damos ênfase ao que ressalta o professor Augusto:

[...] fiquei uma semana na casa do meu orientador até arrumar uma casa. Evidentemente o laboratório deles tem uma estrutura muito boa, não tinha dificuldade para conseguir os equipamentos, então era fantástico (Augusto, 2021).

Já o professor Itamar corrobora ao dizer:

Eu estava no paraíso, a universidade foi bastante acolhedora, os professores com quem eu fiz internacionalização... olha, eu assisti aula, participei de seminário. Um pouco de resistência foi dos alunos do curso, porque doutorado é uma coisa cara nos Estados Unidos e nem todos os alunos conseguem bolsa, então tem uma competitividade grande (Itamar, 2021).

A professora Marina complementa:

[...] Foi muito bom, é diferente né como tem pessoas de diversos países, que estão lá por diversas razões é diferente da nossa realidade aqui, de que quando tem uma turma há muito tempo e que vai acompanhando, então é uma curta duração,

mas nas turmas que participei era uma turma eclética. [...] Eu sou suspeita a falar do meu orientador porque eu já o conhecia por acompanhar ele por muitas aulas e ele envolve os alunos, as aulas eram motivadoras e enriquecedoras (Marina, 2021).

Na mesma esteira dos depoimentos anteriormente mencionados, a Professora Paula fala de sua acolhida na universidade no exterior: questão que envolvesse a pesquisa:

A instituição tem um programa de acolhimento muito bacana ao estrangeiro. [...] O pós-doutorado eu não tinha efetivamente aulas presenciais, mas eu tinha encontros de orientação e eventos e eu sempre tive muita orientação e suporte tanto com documentação tanto com qualquer questão que envolvesse a pesquisa. A instituição tem um programa de acolhimento muito bacana ao estrangeiro (Paula, 2021).

No geral, a satisfação expressa pelos docentes entrevistados foi grande, tanto no trato institucional com a universidade em que realizaram os estudos, quanto nos relacionamentos pessoais com outros colegas. O que mais merece destaque é a importância do bom relacionamento do docente, então estudante, com o seu orientador ou orientadora. Isso parece ter feito toda a diferença nas impressões dos entrevistados até sobre o país onde vivenciaram a experiência.

Porém, “nem tudo são flores” como veremos no relato a seguir, em que uma das docentes entrevistadas demonstra que não teve um bom relacionamento com os agentes universitários e com os colegas na instituição de ensino superior onde estava estudando.

Para a professora Evelyn:

[...] só tenho a tristeza do relacionamento do pessoal da universidade que eu estudei, da biblioteca que eu frequentava, é uma queixa que não é só minha, encontrei outros brasileiros que estavam desenvolvendo doutorado em Lisboa e todos eles reclamavam do preconceito em relação aos estudantes brasileiros, preconceito que eu digo de pedir uma informação na própria secretaria da universidade e ser grosseiramente atendido e mesmo na biblioteca nacional, mesmo sendo uma biblioteca enorme, eu precisava de ajuda e a ajuda não vem muito simpática, eu sinto um pouco dessa relação rancorosa, o que é muito diferente em outras instituições que o relacionamento é completamente diferente, eu senti muito isso em Lisboa, dificuldade de acesso, por causa do atendente que

vinha falar comigo. Os alunos lá mesmo não falavam bom dia ou boa tarde... (Evelyn, 2021).

Vamos analisar o depoimento do Professor Marcos que foi questionado sobre como foi seu relacionamento com colegas e funcionários da instituição estrangeira, pontua que:

A gente foi para Portugal, mas você acaba conhecendo um outro lado, pessoal fala muito disso, realmente tem muitos pontos positivos, que vamos demorar anos para conseguir, mas também o lado ruim. A gente passou alguns “bocados” lá, o pessoal é bem mais direto e grossos, é uma coisa que nós não imaginávamos que fosse verdade (Marcos, 2021).

É possível notar na fala que já havia uma suspeita ou alertas para o problema que foi vivenciado pelo docente e sua família, pois o mesmo foi com esposa e filhos para o exterior.

Nos trechos das entrevistas acima mencionadas, vimos os relatos de experiências negativas durante a vivência de internacionalização, sobretudo no que se refere ao relacionamento institucional, há um ponto relevante que merece nosso destaque. Apenas dois dos entrevistados informaram que tiveram uma relação ruim com seus colegas de universidade, realmente tóxica ou notadamente preconceituosa. Em comum entre eles o fato de ambos terem ido para Portugal.

Não nos cabe fazer juízo de valor acerca dessa afirmação que vá além do objeto desta pesquisa, tão pouco os subsídios parecem não ser suficientes para chegar a qualquer conclusão quanto às motivações dessa sensível experiência ruim, porém o fato de coincidentemente terem ocorrido no mesmo país chamou a atenção para uma possível ocorrência de xenofobia.

A seguir, verificamos o que fora mencionado nas entrevistas pelos docentes da Unespar quanto as suas impressões de contribuição do processo de internacionalização vivido por eles nas suas carreiras e desenvolvimento pessoal, além de reflexos na universidade depois retornar ao Brasil e às suas atividades laborais.

Para registrar essas perspectivas foram feitas as seguintes perguntas: “Quais foram suas impressões no retorno?”, “Como essa experiência afetou sua vida particular?”, “Como te afetou profissionalmente?” e ainda, “Quais os



reflexos dos seus estudos no exterior na instituição de ensino onde você trabalha e na sua carreira?”.

Para a professora Sara:

[...] o fato de eu ter ido pra lá sendo professora e recebendo a bolsa, você tem conforto em fazer mais coisas, também foram muito importantes as visitas em museus, nesse sentido foi extraordinário, por conta também do orientador. Do ponto de vista financeiro depois do retorno, eu tive uma alteração financeira depois que terminei o doutorado (Sara, 2021).

Nesse mesmo sentido, Itamar pontua a relevância na carreira profissional envolvendo tanto o ensino, pesquisa e extensão. Vejamos o que ele destacou durante a entrevista.

[...] Eu acho que voltei com aquela coisa de conseguir uma coisa bacana para minha carreira, te traz também mais responsabilidades, mas voltei para desenvolver a mesma atividade que estava fazendo, tive publicações, mantive os contatos com professores que conheci lá, colegas. Voltei outras três vezes para lá apresentar trabalho. [...] Eu acho que quando estamos na área de docência precisamos cumprir essa trajetória e comprovar de alguma forma que aquele conhecimento está sendo útil para você e existem vários caminhos que se consegue provar isso. Através da docência, através da pesquisa e da extensão. Eu acho que com essa experiência acumulada, se complementa, eu trabalhei muito tempo nessa área que pesquiso e que leciono (Itamar, 2021).

Já a professora Ana (2021) expressa que a “experiência na Itália foi profissionalmente um divisor de águas, pois além de pianista fui reconhecida como geógrafa”.

Assim, é relevante destacar que o ensino, pesquisa e extensão são os pilares fundamentais das instituições de ensino superior e a internacionalização vivida pelos docentes contribuiu, segundo seus relatos, para o desenvolvimento desses fundamentos e de suas carreiras.

Os relatos são de ganhos significativos no campo profissional com criação e manutenção de redes de contatos relevantes para a carreira docente e a produção científica.

Na sequência, apresentamos alguns trechos das entrevistas em que os docentes discorrem sobre as contribuições pessoais e as experiências vividas

durante o período de estudos no exterior, bem como retratam, de certo modo, um impacto no retorno ao Brasil. Vejamos o que eles dizem:

O professor Osmar enfatiza que:

Sou muito ligado à parte cultural, tenho pesquisado muito em bibliotecas. O que pesquiso tem muito em bibliotecas e não se encontra na internet. Frequentei cinema, ópera, teatro. Lisboa eu acho uma cidade extremamente rica (Osmar, 2021).

Nessa mesma direção, o professor Augusto destaca:

É uma coisa incrível, você vê que as pessoas são iguais nas outras partes do mundo, sentimentos são iguais, os problemas são iguais e isso é um crescimento por ver que é mais fácil que você imagina, conhece novas culturas então isso é uma contribuição para a vida. Pelo menos o que eu vi e vivi lá, os eventos e os shows não são muito diferentes do que fazemos aqui, obviamente que a alimentação muda, mas também você se adapta e o crescimento pessoal é uma coisa incrível (Augusto, 2021).

Já para Evelyn, o período que ficou no exterior trouxe várias contribuições positivas, porém, ao mesmo tempo, um “choque da realidade” diferenciada ao retornar para a universidade. Vejamos o que ela diz:

[...] Olha, influenciou muito, tanto pessoalmente quanto profissionalmente, eu acho que todo mundo quer voltar de uma estadia um pouco melhor de um país volta meio assustado, porque é meio que um choque de realidade e aí você vê como as coisas são totalmente diferentes daqui e aqui também podia ser igual lá e não é. Quando eu voltei fiquei 6 meses meio desanimada de ver como aqui é tudo tão diferente, tão difícil. Então é um choque de realidade essa volta e causa uma tristeza nesse ponto (Evelyn, 2021).

É interessante ver como a experiência é vivida de maneira diferente por cada indivíduo que retrata as circunstâncias peculiares de seu cotidiano ou de suas impressões durante o período que passou fora do país estudando. Como é uma questão muito pessoal, alguns relatam imensa satisfação e destacam até grande similaridade entre o que viveram enquanto estrangeiros e o que vivem no Brasil. Ao passo que, outros entram em choque cultural reverso

(Stallivieri, 2017) ao retornar para o país e não encontrar as mesmas condições infraestruturais, políticas e culturais que havia vivenciado no exterior.

Finalmente, tratamos da relação institucional entre os docentes entrevistados e a Unespar. Aqui os relatos tratam da visão docente quanto aos efeitos “na casa”, decorrentes da mobilidade acadêmica internacional que vivenciaram.

Quanto à relação institucional, o professor Bruno pontua:

Eu penso que do ponto de vista pedagógico, o que me interessa é que na minha formação como pesquisador, doutorado, eu só consigo tirar pontos positivos por que mesmo eu tendo ficado esse um ano e meio afastado e agora já estou completando esse período, eu percebo claramente a influência em todas as atividades em que eu exerço entre ensino, pesquisa e extensão relacionadas a esse período, eu acho que é fundamental para a formação do professor. Eu acho muito importante que o professor tenha a possibilidade de afastamento integral de preferência (Bruno, 2021).

Já nas palavras da professora Paula, fica a expectativa de fazer algo diferente a partir das experiências vivenciadas, vejamos o que ela pensa.

A gente chega com várias ideias e várias expectativas. Teve um evento em que eu pude apresentar trabalho, tive grupos de estudos com meus alunos sobre o tema trabalhado, tivemos palestras... queria fazer uma noite francesa, é um projeto ainda. Como comentei, já comecei a dar aula de francês, teve esse lado da língua e quanto a formação eu vejo como algo muito positivo, a gente sempre leva o nome da instituição, tanto na Europa quanto aqui nos eventos, sempre procurei marcas a instituição por conta da internacionalização e o que podemos continuar fazendo é trazer para os alunos a vivência (Paula, 2021).

Outro aspecto abordado pela professora Marina (2021), refere-se à necessidade de compartilhar as experiências vivenciadas no exterior, que é algo essencial dentro da instituição, pois tais ações podem contribuir para que outros docentes e também discentes venham a participar da mobilidade acadêmica. Assim sendo, Marina (2021) pontua: “Como fiz trabalho, compartilhei com os alunos, foi uma experiência muito boa. Eu penso que os resultados dessa experiência proporcionaram alguns aprendizados a partir do relato (na Unespar) das experiências e dos trabalhos concretizados”. Tais

iniciativas são fundamentais para o processo de internacionalização da universidade.

E nessa direção, a professora Sara pontua que:

[...] esse intercâmbio é imprescindível pra que renove algumas questões dentro da universidade, para que mostre para seus alunos que quando os professores saem e vão se qualificar eles mostram que é possível e necessário. Um corpo docente que não sai não tem perspectiva, a universidade é sem fronteiras mais do que parece. Para a Unespar seria importante que mais pessoas tivessem feito isso, pois eu acho que não dá para fazer ciência sem conhecimento da realidade de outro país (Sara, 2021).

Dessa forma, as entrevistas docentes mencionadas indicam que a internacionalização do ensino superior com ênfase nos professores produz efeitos relevantes na universidade onde lecionam. Esses efeitos vão além do cotidiano de sala de aula e atingem questões mais profundas na instituição, podendo influenciar os planos de desenvolvimento da mesma e a gestão da pesquisa, ensino e extensão. Pois, os docentes internacionalizados retornam com um desejo de contribuir e tendo a experiência como um marco em suas carreiras.

É relevante fazermos ainda mais um recorte retratando esses importantes relatos que sintetizaram as várias abordagens dos docentes entrevistados quanto à importância da questão financeira para financiar as viagens internacionais e o papel das políticas públicas e institucionais, nesse sentido, o professor Bruno afirma:

Exatamente, porque você consegue de fato equilibrar as questões, porque a gente sabe que bolsa é uma coisa quase impossível e muita gente tem que sair com recursos próprios, então eu percebo pelas duas questões do ponto de vista financeiro mesmo, mas também que a gente precisa se desligar desse volume muito grande de atividades que são feitas por dia a dia das questões de pesquisas, para conseguir conviver um processo com início, meio e fim do ponto de vista de gestão (Bruno, 2021).

O que é interessante e peculiar nesta pesquisa, em especial, por ter parte do corpo docente de uma universidade pública como objeto principal de estudo, é o relato de questões ligadas à gestão do ensino e carreira como

professor do ensino superior. A internacionalização do ensino superior tem aspecto econômico também, como já relatado, ao movimentar a indústria de viagens que costuma ter um elevado custo para o padrão médio/alto brasileiro.

O relato do docente em questão destaca a condição privilegiada, e não se usa esse termo no mau sentido, do professor universitário público. O que a nosso ver destaca sua responsabilidade e sensação de dever público de retorno e contribuições ao desenvolvimento institucional.

Além da abordagem da temática após retorno da experiência vivida pelos docentes entrevistados, fizemos esse questionamento no formulário enviado previamente solicitando que cada um relatasse por escrito suas impressões na vida profissional, pessoal e institucional. Para isso, os docentes responderam a seguinte questão: “Por favor, escreva um pouco para nós: como classificaria a experiência de estudar no exterior para sua vida profissional e pessoal, bem como sua importância para a Unespar?”

Dentre as respostas que recebemos, algumas nos chamaram a atenção pela convergência com o conjunto da pesquisa e demais informações obtidas nas entrevistas gravadas. Para o professor Walker:

[...] do ponto de vista pessoal, a experiência de estudar em outro país é muito gratificante e desafiadora, ao mesmo tempo. Mais do que outro idioma, é possível ter contato com outros paradigmas de vida, que enriquecem muito a quem faz tal experiência.

Em termos profissionais, estudar em outro país permite, por um lado, ampliar significativamente sua rede de contatos; por outro lado, é possível ter contato com conceitos, teorias e pesquisas que colocam novas perspectivas para a atuação de pesquisador.

No aspecto familiar, morar em outro país proporciona um enriquecimento significativo nos laços familiares e viabiliza experiências indeléveis para todos os membros da família (Walker, 2021).

Destarte, o professor Itamar pontua algo semelhante ao professor Walker, vejamos o que ele diz:

Minha experiência de estudos no exterior foi extremamente positiva e superou todas as minhas expectativas, tanto para a vida profissional, quanto para a vida pessoal. O conteúdo relacionado à minha área de estudo não era muito diferente do que eu estava estudando aqui no Brasil. Creio que isso se deve



ao fato de eu cursar o doutorado em uma instituição muito boa aqui no País. O fato de eu ter me afastado do trabalho durante os 12 meses do sandwich foi fundamental para que eu pudesse fazer a imersão e ter o melhor aproveitamento. Tive a sorte de ser acolhido numa instituição e por professores que valorizam a prática de internacionalização e isso me deixou muito tranquilo, pois eu ouvira relatos de experiências negativas em relação a outros lugares e orientadores. Além disso, tive a oportunidade de ir com a minha família, o que também contribuiu para que eu pudesse focar nos estudos e ao mesmo tempo ter algum aproveitamento com a família em relação à experiência de morar no exterior (Itamar, 2021).

A professora Paula enfatiza a relevância da experiência vivida no exterior no que tange aos aspectos pessoal, cultural e profissional, para tanto destaca que:

Quanto à experiência pessoal, foi a primeira vez que morei fora do país, então, a viagem e a estadia na França representaram algo único na minha vida. Tive a oportunidade de conhecer bibliotecas, museus, experiências que ampliaram minha perspectiva cultural. Todas essas experiências estabelecem interface com minha área de formação. O curso de Letras possibilita uma série de interfaces com aspectos culturais. Conheci lugares diferentes e pude trocar experiências com pessoas de culturas diferentes, o que contribuiu muito para a minha formação como pessoa e como profissional. [...] A vivência no exterior contribuiu para o aperfeiçoamento da aprendizagem de língua francesa (Paula, 2021).

O professor Marcos (2021) destaca que “além da experiência acadêmica, o doutorado sanduíche proporcionou uma experiência de vida incrível, para mim e para toda a família. Apesar de terem sido apenas três meses, conhecer e conviver em outro país com uma cultura diferente foi bem marcante”.

Do ponto de vista do desenvolvimento pessoal, o primeiro grupo de docentes, cuja parte dos depoimentos foi mencionada, destacou o ganho obtido para toda a família e o estreitamento dos laços familiares quando a experiência é compartilhada, bem como o ganho cultural e de visão de mundo como os pontos mais relevantes da internacionalização relatada.



Algumas das respostas apontaram como principais pontos de destaque na internacionalização vivida pelo docente, o desenvolvimento profissional e os reflexos disso na universidade após o retorno às atividades.

Segundo o professor Osmar:

Estudar no exterior foi uma atividade educacional bastante positiva por ter me proporcionado a ampliação dos horizontes de conhecimento e a experiência de aspectos diferenciados da vida acadêmica, através de atividades que influenciarão minhas futuras ações como professor. A cada docente que estuda no exterior a Unespar avança em direção da internacionalização de sua produção acadêmica, objetivo almejado pelas principais instituições de ensino superior (Osmar, 2021).

A professora Paula corrobora com o professor Osmar ao evidenciar que:

[...] a oportunidade de realizar o pós-doutorado no exterior foi muito importante para a minha formação pessoal e profissional, o que, conseqüentemente, representa algo bastante positivo para a Unespar, tendo em vista que a internacionalização além de ser fundamental enquanto processo institucional, contribuiu muito para o enriquecimento e ampliação das atividades de pesquisa do professor pesquisador (Paula, 2021).

Outro ponto salientado pela professora Paula refere-se:

[...] a oportunidade de realizar uma pesquisa na minha área de interesse, trocar experiências com o professor orientador e com outros professores, realizar leituras teóricas, discutir teorias, participar de eventos. [...] o pós-doutorado foi uma experiência muito gratificante, sinto que tive acesso a novos diálogos que contribuíram para uma maior autonomia enquanto pesquisadora (Paula, 2021).

A professora Paula também menciona a relevância do processo de internacionalização, tendo em vista que:

[...] ao oportunizar que professores vivenciem essa troca de conhecimentos, a instituição amplia os diálogos com diferentes instituições, promove a internacionalização. A internacionalização é atualmente necessária na Instituição Superior (Paula, 2021).

Por fim, a professora Paula destaca que:

[...] Na França, fui aprovada no teste DALF (Diploma de Aprofundamento em Língua Francesa) – nível C1, que representa um nível avançado. Por conta dessa experiência, atualmente, dou aulas voluntariamente de francês na Unespar. A partir da oportunidade que a Unespar possibilitou para a minha formação, sempre que oportuno, procuro mobilizar ações que contribuam para a formação dos estudantes, representando um retorno dessa experiência à comunidade acadêmica (Paula, 2021).

Assim sendo, Evelyn corrobora com a professora Paula ao evidenciar a experiência e o trabalho em sala de aula, vejamos o ela diz:

A experiência de estudar no exterior é bastante positiva, pois ampliou meu universo cultural e intelectual. A imersão numa cultura que faz parte da minha área de atuação profissional, a cultura portuguesa, ressignificou minhas escolhas em sala de aula, minha interpretação dos textos e, também, ampliou o entendimento da própria língua. Tal ressignificação reverbera na prática docente, pois amplia o horizonte de sentidos e de pesquisa (Evelyn, 2021).

Já o professor Marcos salienta que:

O doutorado sanduíche para a Unespar foi abrir (iniciar) o laço com a Universidade de Aveiro, penso que a partir do contato que fiz, outros colegas professores ou alunos de pós-graduação tenham mais facilidade de realizar esse tipo de intercâmbio (Marcos, 2021).

Por fim, a professora Ana (2021) deixa uma mensagem: “representamos a Unespar quando estamos realizando uma capacitação no exterior, portanto, fomentamos visibilidade e reconhecimento à nossa instituição.”

A partir das entrevistas e dos questionários aplicados, percebemos como é marcante o compromisso desses docentes com a universidade de origem, pois eles relacionam diretamente o seu desenvolvimento profissional com o desenvolvimento da Unespar e relatam como a experiência de terem estudado no exterior contribuiu e continua contribuindo para suas vidas profissionais no cotidiano e na carreira.

Alguns desses relatos são tangíveis e de resultado totalmente verificável, como no caso da Professora Paula, que após ter estudado na França e lá realizado um teste de proficiência tendo sido aprovada em bom nível passou a dar aulas voluntárias de francês aos acadêmicos da Unespar.

Os docentes também retratam a função diplomática e representativa que têm enquanto professores da universidade ao estarem em outra instituição de Ensino Superior no exterior. Sendo agentes de fomento da internacionalização da instituição, criando novas oportunidades para os colegas e elevando o nome da Unespar por onde passam.

Para finalizar as análises dos resultados dessa pesquisa, elencamos alguns apontamentos referentes às políticas de internacionalização da Unespar que ficaram evidentes nos relatos que os professores se auto-organizaram nos colegiados para viabilizar os arranjos necessários à saída de um deles, sem prejuízo das atividades e serviços a serem prestados ao corpo discente e a própria universidade. Também foi destacada a livre iniciativa de cada docente em buscar a mobilidade a partir da construção ou uso de sua rede de contatos.

Apesar disso, a universidade não esteve ausente desse processo, pois ela foi pontuada como agente de apoio e não criou empecilhos aos docentes burocratizando a saída dos mesmos para realização de qualificação por meio de mestrado ou doutorado no exterior.

Visando captar apontamentos para uma reflexão sobre a efetiva política institucional da Unespar quanto à internacionalização, fizemos as seguintes perguntas aos docentes entrevistados: “Se você fosse um(a) gestor(a) da educação, o que faria em relação à internacionalização do Ensino Superior na Unespar?”, “Como vê a internacionalização na Unespar?” e também: “O que faria ou recomendaria em relação à mobilidade acadêmica internacional com foco nos professores?”

Vejamos os principais registros:

Professor Augusto – Então, eu acho que falta muito isso, de uma internacionalização mesmo, não é tão complicado, eu estava lá na condição de aluno de doutorado, mas eu vejo que isto pode começar antes, na graduação, tem que começar a preparar o aluno lá desde o primeiro ano. [...] ...eu penso que a universidade poderia ter um projeto de preparar o aluno para um salto. Por exemplo, lá no primeiro ano já orientarem os professores ofertarem referências em outras línguas que não fosse só em português, nunca vejo referências, artigos e livros em outras línguas que não em português, eu penso que deveria haver uma proposta um trabalho em cima, orientar o

aluno a fazer uma língua, francês, inglês, espanhol, prepara-lo para a internacionalização (Augusto, 2021).

Professora Ana – Eu acho muito importante essas capacidades, de abrir as portas para outros professores, eu diria para ir para fora, para construir pontes e abrir portas para outros professores (Ana, 2021).

Professor Osmar – Eu sinto que faltam recursos, eu vejo que precisa de um órgão superior dentro da universidade, fazendo essas pontes abrindo os caminhos, uma questão de troca (Osmar, 2021).

Professor Itamar – Eu acho que isso deve ser bastante incentivado Raphael, essa já é uma cobrança que tem sido feita há muito tempo. Eu vejo que as métricas e as formas de indagação, esse esforço da internacionalização para que amplie suas redes de contato para pesquisar e estudar soluções, eu acho que isso faz uma diferença muito grande (Itamar, 2021).

Dois pontos relatados merecem nossa especial atenção. O primeiro é o envio de estudantes e professores ao exterior para realizarem aperfeiçoamento, e o segundo é a percepção da importância da universidade na consolidação de parcerias e convênios com instituições estrangeiras para viabilizar a mobilidade acadêmica internacional.

Os relatos destacam que a política de internacionalização da Unespar deve focar nos acadêmicos e nos docentes. No corpo discente com o objetivo de proporcionar um salto de conhecimento, ganho cultural, abertura de perspectivas e possibilidades por meio de uma preparação desde o início da graduação, focada, sobretudo, no domínio de idiomas estrangeiros.

No corpo docente como agente de fomento e facilitação da internacionalização para os pares e alunos, o objetivo da política pública nesse sentido seria empoderar o docente da Unespar para ampliar as parcerias e convênios da universidade com instituições análogas fora do país. Assim, rompendo fronteiras e construindo pontes de acesso e troca de conhecimento.

Esta pesquisa foi desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Desenvolvimento da Universidade Estadual do Paraná, portanto nada mais fundamental que tratar do desenvolvimento em sentido amplo da sociedade em que a universidade está inserida. A citação a seguir é fundamental neste sentido:

Professor Augusto – [...] mas se a gente quer ver um Brasil melhor, um Brasil com brasileiros que possam trazer um resultado científico, trabalhar em vacinas, estudar, desenvolver

projetos que sejam de interesse internacional, tem que fazer isso, é o que a China, o Japão e outros países fazem. Eles mandam seus alunos para estudar na Europa e na América do Norte e depois os recebem para que eles devolvam esse conhecimento para o seu país, isso promove desenvolvimento. E o que o nosso governo faz? Corta verbas, faz o contrário, então infelizmente isso que estou falando para você é um luxo, mas também uma necessidade (Augusto, 2021).

O docente comenta sobre sua visão de mundo acerca da internacionalização do ensino superior brasileiro e seus potenciais efeitos na sociedade, estava respondendo a uma pergunta relacionada ao que acreditava ser importante para que fosse feito na Unespar, caso fosse um gestor da educação superior. Quando produziu um dos recortes de maior relevância de toda a pesquisa ao destacar o luxo, a necessidade e o descaso.

O luxo de estudar no exterior, sem dúvida é algo almejado, desejado e considerado de alto nível, mesmo para professores universitários. Algo que representa o alcance do ápice do aprendizado científico e que resulta em retorno ao país de origem do estudante internacional, que volta para compartilhar conhecimento, por isso é uma necessidade para o desenvolvimento das nações como já asseverou Gürüz (2011).

Ao final, o descaso. Descaso de uma administração pública federal que, infelizmente, tem simbolizado retrocesso científico e educacional, para dizer o mínimo. Inegável o impacto negativo lógico no desenvolvimento do Brasil em decorrência da falta de investimento na educação superior, sobretudo na internacionalização. Enfim, resta-nos lamentarmos esse descaso que o Governo Federal tem dos programas das universidades.

Finalizando este item, cabe-nos informar que os docentes “internacionalizados” da Unespar realizaram a mobilidade acadêmica sem precisar necessariamente passar pelo Escritório de Relações Internacionais - ERI, que estava se estruturando quando os processos de mobilidade ocorreram, pois não era uma política institucional da universidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos resultados apresentados na pesquisa, podemos considerar que a influência foi positiva para os docentes da Unespar que vivenciaram o processo de internacionalização do ensino superior uma vez que os mesmos relataram diversos avanços em seu desenvolvimento enquanto professores e

pesquisadores, como: o ganho de capital intelectual e técnico em suas áreas de atuação, a formação de redes de contatos com outros professores e pesquisadores correlatos, a maior segurança que passaram a ter em sala de aula e na produção científica, além de avanços na carreira, como a nomeação para cargos de liderança na instituição em que lecionam e, sobretudo, a atribuição da experiência internacional bem sucedida.

Assim sendo, os depoimentos prestados pelos docentes foram o grande diferencial desta pesquisa, e podemos afirmar sem dúvida alguma que se há algo que realmente pode ser considerado especial e único na pesquisa são esses relatos vivos e ricos de professores da universidade pública brasileira que empreenderam em busca de seu desenvolvimento profissional e também pessoal a fim de realizarem sonhos e se aprimorarem. Professores e professoras interessados em uma docência melhor e em uma universidade melhor para eles e para os alunos, pois se dedicaram despendendo tempo, investimento financeiro, estudo e preparação, com diversos desafios para alcançarem melhor qualificação e uma experiência internacional que lhes proporcionaram vivência única com diversas culturas e em muitos casos uma mudança de visão de mundo e de carreira.

Do ponto de vista institucional, a internacionalização do ensino superior é prioridade para a Unespar. Consta em seu Plano de Desenvolvimento Institucional e não tem ficado somente no papel ou no campo das ideias, pois percebemos a tentativa de efetivação das políticas institucionais da universidade nesse sentido, embora ainda de maneira limitada por fatores internos e externos.

Em que pese os docentes entrevistados terem realizado os processos de mobilidade acadêmica internacional sem a participação direta do ERI, isso se deu pela inicial falta de estruturação formal do mesmo e por ser um órgão mais recente da instituição, bem como pela mecânica do procedimento que é mais voltado aos colegiados de curso da graduação ou pós-graduação da Unespar.

Porém, tanto na gestão anterior quanto na atual é notável o estabelecimento do escritório como agente de fomento da internacionalização estudantil e docente com a produção de guias de mobilidade, efetivação de convênios e parcerias com universidades estrangeiras, principalmente na zona de influência do Mercosul, além da formação de uma estrutura de pessoal capaz de efetivar a missão do ERI em consolidar a internacionalização como área prioritária no desenvolvimento da Unespar.

REFERÊNCIAS

- CAPES. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **História e Missão**. Brasília, DF, 2017. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/historia-e-missao>. Acesso em: 16 dez. 2023.
- Couto, Raphael Viana. **A influência da internacionalização na formação profissional e humana de docentes da Universidade Estadual do Paraná**. 2021. Dissertação de mestrado em Sociedade e Desenvolvimento. Universidade Estadual do Paraná, Campo Mourão, 2023. Disponível em: <https://ppgsed.unespar.edu.br/arquivos/dissertacoes-1/discentes-2019/view>. Acesso 31 jul. 2024.
- De Wit, Hans; Hunter, Fiona. The future of internationalization of higher education. **International Higher Education**, Boston, n. 83, p. 2-3, 2015. Disponível em: <https://ejournals.bc.edu/index.php/ihe/article/view/9073>. Acesso em: 28 jan. 2024.
- Gürüz, Kemal. **Higher education and international student mobility in the global knowledge economy**. rev. and updated 2nd ed. Albany: State University of New York Press, 2011.
- Knight, Jane. Internationalization remodeled: Definition, approaches, and rationales. **Journal of studies in international education**, v. 8, n. 1, p. 5-31, 2004. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1028315303260832>. Acesso em: 15 dez. 2023.
- Knight, Jane. Updated definition of internationalization. **International higher education**, n. 33, 2003. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=Internationalization+of+higher+education%3A+past+and+futu+re&btnG=. Acesso em: 15 dez. 2023.
- Laus, Sonia Pereira. **A internacionalização da educação superior: um estudo de caso da Universidade Federal de Santa Catarina**. 2012. Tese (Doutorado em Administração) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/17270>. Acesso em: 01 mar. 2021.
- Sebastián, Jesús. **Cooperación e internacionalización de las universidades**. Buenos Aires: Biblos, 2004.
- Stallivieri, Luciane. **Ciência sem Fronteiras abriu diálogo qualificado entre instituições mas escancarou dificuldade dos estudantes de se comunicar em outros idiomas**, 2016. Disponível em: <https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/artigos/ciencia-sem-fronteiras-abriu-di-alogo-qualificado-entre-instituicoes-mas-escancarou-dificuldade-dos-estudantes-de-se-comunicar-em-outros-idiommas>. Acesso em: 28 jan. 2024.



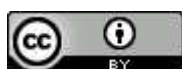
Stallivieri, Luciane. Compreendendo a internacionalização da educação superior. **Revista de Educação do Cogeime**, Belo Horizonte, v. 26, n. 50, p. 16-36, jan./jun. 2017. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-cogeime/index.php/COGEIME/article/view/729>. Acesso em: 12 dez. 2023.

Stallivieri, Luciane. **Internacionalização e intercâmbio**: dimensões e perspectivas. Curitiba: Appris, 2017.

Stallivieri, Luciane. O processo de internacionalização das instituições de ensino superior: avaliação, qualidade e pertinência da cooperação internacional. **Reunião Anual da FAUBAI**, v. 20, 2008.

Stallivieri, Luciane. **O processo de internacionalização nas instituições de ensino superior**. Disponível em: https://fundacao.ucs.br/site/midia/arquivos/processo_internacionalizacao.pdf. Acesso em: 15 dez. 2023.

Submissão em 14 de fevereiro de 2024.
Aceite em 02 de agosto de 2024.



Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. Texto da Licença: <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>